

ENSINO DE GEOGRAFIA FÍSICA POR MEIO DE AUDIO-VISUAIS

Eloiza Cristiane Torres/Universidade Estadual de Londrina/Brasil

elotorres@hotmail.com

Introdução

Situando-se no campo da educação, este trabalho configura-se a análise do uso do vídeo no processo pedagógico. Parte do pressuposto de que a educação deve habilitar o aluno para leitura e entendimento do seu mundo e considera que o vídeo altera as práticas sociais de alunos e professores, requerendo, portanto, da escola, a análise e a reflexão sobre as mensagens que veiculam, para formar cidadãos emancipados, críticos e conscientes. Esta concepção de educação prevê a formação e desenvolvimento da autonomia, que deve levar professores e alunos ao estabelecimento de uma relação consciente com o processo de construção do conhecimento, o qual deve estar comprometido com a universalidade e a historicidade do homem, reconhecido como um ser de relações com o mundo e a importância de adotar o vídeo como ferramenta na formação social dos alunos.

1.Análise: Referencial teórico

1.1.A necessidade

Constata-se atualmente a importância e a necessidade de integração das tecnologias ao trabalho escolar, em especial as novas tecnologias da informação e comunicação, considerando que elas estão cada vez mais presentes no cotidiano, especialmente dos jovens, e que sua aplicação na educação, no trabalho e em outros contextos relevantes, é uma competência básica a ser propiciada pelos educadores no conjunto do currículo escolar e de suas disciplinas.

A televisão e o rádio estão na quase totalidade dos lares brasileiros, a informática vem ocupando espaços em todos os lugares, como bancos, supermercados, cinemas, lojas, metrô, ônibus etc., mas a escola pública ainda é um lugar que pouco prepara os jovens para o uso e produção “consciente, crítico e ativo” de tecnologias.

Para Tedesco (2004, p. 11),

a incorporação das novas tecnologias à educação deveria ser considerada como parte de uma estratégia global de política educativa e, nesse sentido, destaca que as estratégias devem considerar, de forma prioritária, os professores, considerando que as novas tecnologias modificam significativamente o papel do professor no processo de aprendizagem e as pesquisas disponíveis não indicam caminhos claros para enfrentar o desafio da formação e do desempenho docente nesse novo contexto.

Sabe-se que, apesar da existência de recursos tecnológicos nas escolas de ensino do país, esses têm sido pouco explorados pedagogicamente, tanto pela ausência ou inconstância de processos permanentes de capacitação, quanto pela resistência à inovação por parte de muitos professores que, ao temerem o “novo”, preferem manter as tradicionais formas de ensino centradas na transmissão de conteúdos. Os gestores da escola, por sua vez, tampouco conhecem as tecnologias e seu potencial de apoio às atividades pedagógicas.

O uso de recursos visuais no ensino é um importante objeto de aprendizagem. E, segundo (ALMEIDA, 2005), as crianças prestam atenção em 10% do que elas leem, em 20% do que elas escutam 30%, do que elas veem, 50% do que elas veem e escutam ao mesmo tempo, 80% do que ela diz e 90 % do que ela diz e faz ao mesmo tempo. Dessa forma, a incorporação do vídeo, em qualquer que seja a disciplina ministrada, acarretará em novas e diferentes maneiras de produção de saberes, descobertas de conhecimentos e senso crítico serão alcançadas pelos discentes e, no que diz respeito à geografia física, a utilização de áudio-visual facilita o entendimento dos conceitos da mesma.

1.2.A proposta

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos. Ele explora também e, basicamente, o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo-distante, alto-baixo, direita-esquerda, grande-pequeno, equilíbrio-desequilíbrio).

Para todas as proposta de utilização de certo equipamento há a necessidade de seguir-se um roteiro para que possa ser dado um prosseguimento às argumentações que porventura possam surgir. O Vídeo encontra a fórmula de comunicar-se com a maioria das pessoas, tanto crianças como adultas. Assim sendo, Moran (1995) propõe um pequeno roteiro a ser seguido, uma forma de trabalhar com o vídeo em sala de aula, mesmo que não haja uma ordem

rigorosa e pressupunha uma total liberdade de adaptação destas propostas à realidade de cada professor e dos seus alunos.

1.2.1 Propostas De Utilização

O vídeo pode ser utilizado de várias maneiras em sala de aula e fora da mesma:

Vídeo Como Sensibilização: Um bom vídeo é de suma importância para introduzir um novo tema ou explicitar e tornar-se de fácil compreensão um tema já tratado em aulas anteriores; despertar a curiosidade e a motivação para assuntos vindouros. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria.

Vídeo Como Ilustração: O vídeo muitas vezes ajuda a mostrar explicitar, ou seja, revelar o que já foi passado em aulas anteriores, a compor cenários desconhecidos dos alunos. Por exemplo, um vídeo que exemplifica como eram os romanos na época de Julio Cesar ou Nero, ajuda a situar os alunos no tempo histórico, ou um vídeo que mostra como a Terra transformou-se durante todo o seu período de formação até o tempo em que vivemos. Um vídeo traz para a sala de aula realidades distantes dos alunos, como, por exemplo, a Amazônia ou a África. A vida se aproxima da escola através do vídeo.

Vídeo Como Simulação: É uma ilustração mais sofisticada. O vídeo pode simular experiências de química que seriam perigosas em laboratório ou que exigiriam muito tempo e recursos. Um vídeo pode mostrar o crescimento acelerado de uma planta, de uma árvore - da semente até a maturidade – em poucos segundos.

Vídeo Como Conteúdo De Ensino: Vídeo que mostra determinado tema, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares.

Vídeo Como Avaliação: Dos alunos, do professor, do processo. Dos alunos na medida em que pode-se aplicar uma avaliação escrita a respeito do vídeo que foi repassado ou sugerir para que façam um resumo dos principais pontos discutidos no vídeo; do professor, na medida em que o conteúdo programado condiz com o vídeo repassado aos alunos e; como processo, na medida em que a avaliação seja positiva e o processo de aprendizagem seja satisfatório.

Vídeo Espelho: Vejo-me na tela para poder compreender-me, para descobrir meu corpo, meus gestos, meus cacoetes. Vídeo-espelho para análise do grupo e dos papéis de cada um, para acompanhar o comportamento de cada um, do ponto de vista participativo, para incentivar os mais retraídos e pedir aos que falam muito para darem mais espaço aos colegas. O vídeo-espelho é de grande utilidade para o professor se ver, examinar sua comunicação com os alunos, suas qualidades, seus problemas ou necessidades de cada aluno, podendo, assim, trabalhar no propósito de melhorar sua aula e suprir a necessidade de cada aluno.

Vídeo Como Integração/Suporte: Por meio de outras mídias.

- Vídeo como suporte da televisão e do cinema. Gravar em vídeo programas importantes da televisão para utilização em aula. Alugar ou comprar filmes de longa metragem, documentários para ampliar o conhecimento de cinema, iniciar os alunos na linguagem audiovisual.

Vídeo interagindo com outras mídias como o computador, o CD-ROM, com os videogames, com a Internet e com a mídia impressa.

Vídeo Como Produção: O vídeo como produção pode nos trazer três formas de utilização: (a) Como documentação, registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos. Isto, por ventura, ajudaria no trabalho do professor, que o ajudaria nas aulas expositivas; dos alunos para uma maior compreensão da aula e; dos futuros alunos. O professor deve poder documentar o que é mais importante para o seu trabalho, ter o seu próprio material de vídeo assim como tem os seus livros e apostilas para preparar as suas aulas. O professor estará atento para gravar

o material audiovisual mais utilizado, para não depender sempre do empréstimo ou aluguel dos mesmos programas; (b) como intervenção: interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando uma nova trilha sonora ou editando o material de forma compacta ou introduzindo novas cenas com novos significados. O professor precisa perder o medo de utilizar outros recursos didáticos, como apenas o quadro e o retroprojetor, podendo, assim, interferir, modificar, assim como ele interfere num texto escrito, modificando-o, acrescentando novos dados, novas interpretações, contextos mais próximos do aluno, ou seja, criando seus próprios vídeos; (c) vídeo como expressão, como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. Desse modo as crianças poderiam criar seus próprios vídeos e expor suas idéias a todos da sala de aula. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica, haja vista que os alunos demonstram suas realidades, seus anseios e desejos por meio de vídeos confeccionados por eles próprios. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir vídeos que retratam sua realidade: seu bairro, sua comunidade, a poluição de sua cidade, suas férias... dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar e expor a alunos e professores qual sua visão diante de algum fato. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários onde muitas crianças possam assisti-los.

A forma como os mesmos serão utilizados pode favorecer ou prejudicar o processo educacional.

1.2.2. Usos inadequados em aula

Muitas vezes a utilização de vídeos em sala de aula surge na perspectiva de ilustrar algo, de sensibilizar, entretanto, nem sempre isto ocorre e é aí que o mesmo pode tornar-se prejudicial.

Vídeo-tapa buraco: colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil, mas se ocorrer frequentemente desvaloriza o uso do vídeo e pode associar o aluno de que o vídeo é sinal de não haver aula.

Vídeo-enrolação: exibir um vídeo sem fundamento, sem ligação com a matéria que está sendo repassada. Assim, o aluno pode perceber que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso.

Vídeo-deslumbramento: O professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passa vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas.

Vídeo-perfeição: Existem professores que questionam todos os vídeos possíveis porque possuem defeitos de informação ou estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobri-los, junto com os alunos, e questioná-los.

Só vídeo: não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes.

Desta forma, trabalho com vídeo requer planejamento, objetivo, metodologia...Com estes requisitos as atividades tem grande chance de tornarem-se agradáveis e construtivas.

1.3. Refletindo sobre o processo: limites e possibilidades do uso do vídeo em sala de aula

As escolas e os professores poderiam aproveitar o vídeo de uma forma mais eficiente nas atividades escolares para agregar qualidade humanizadora ao processo educativo, promovendo a aprendizagem e a reflexão. Porém, fatores podem limitar o uso pedagógico do vídeo. Alguns materiais podem provocar uma descontinuidade na atenção dos alunos e ausência na compreensão das mensagens. Destacamos algumas causas dessa falta de compreensão:

- Qualidade do material, ou seja, dos conteúdos dos programas, da gravação e sua duração.
- Metodologia de uso. Nele se incluem o conhecimento do professor sobre o assunto e a compreensão dos aspectos educativos que a questão envolve; o preparo do professor para a realização da atividade, o estabelecimento de critérios para a apresentação e aproveitamento dos programas e a qualidade do seu envolvimento com o recurso e com o processo educativo.

As possibilidades de aproveitamento podem ser muitas. Destacamos algumas delas:

- Atuação positiva na integração entre os alunos e o professor, pelo incremento aos elementos sócio afetivos, e desenvolvimento de muito envolvimento positivo com as atividades escolares e com a aprendizagem;
- Desenvolvimento do desempenho linguístico dos alunos: leitura, análise e compreensão de textos, ampliação do repertório vocabular, desenvolvimento da expressividade e da oralidade e do uso dos recursos linguísticos em conformidade com a norma padrão da língua;
- Favorecimento da recordação de episódios e comportamentos apresentados nos programas, revelando a importância dos materiais para a retenção mnemônica, necessária à aprendizagem;

- Contextualização das aprendizagens, considerando a prática social do aluno no processo educativo e favorecendo a transferência do aprendido para situações reais;
- Condução do processo educativo partindo da observação dos elementos físicos do ambiente para atingir a formalização do conhecimento, isto é, do concreto para a abstração necessária ao estabelecimento de relações importantes à efetivação da aprendizagem;
- Organização das atividades educativas, de forma a prever a utilização da escrita pelo professor e pelos alunos, evidenciando os aspectos de intencionalidade e planejamento que devem permear o processo;
- Apresentação de efeitos na capacidade e na qualidade da observação e da atenção;
- Ampliação do conceito de materiais curriculares, associando os diversos elementos: livro didático, jornais, revistas no trabalho diário;
- Oportunidade de discussões sobre questões éticas para desenvolver o posicionamento pessoal reflexivo sobre essas questões e superar a atitude alienada;
- Desenvolvimento do envolvimento ativo dos estudantes com as atividades, estimulando a habilidade de formar e emitir opiniões, a conscientização e a fabricação de sentidos para as ações;
- Desenvolvimento do raciocínio reflexivo, da autonomia de pensamento e da capacidade de selecionar;
- Atendimento de um nível de crítica que, embora em alguns casos aparente ser incipiente, é o nível possível para crianças daquela idade.

Desse modo podemos fazer com que os alunos tenham a capacidade de reconhecimento das diversas possibilidades por meio da leitura de um vídeo, seja ela falada ou observada e de emancipá-los com o conhecimento do seu mundo, por essa diversidade de leitura. Demonstrar, também, a possibilidade de agregar os recursos audiovisuais ao trabalho pedagógico cotidiano, para preparar os alunos ao uso inteligente desses recursos, destacando a

importância de trabalhar a relação escola/professores/alunos/vídeos numa perspectiva crítica, reflexiva e humanizadora, desde que se considerem as transformações no processo emancipatório e de criticidade dos alunos além de definir estratégias metodológicas coerentes com objetivos de aprendizagem direcionados ao desenvolvimento da cidadania consciente por meio dos professores.

3- Proposta de utilização de vídeo para o ensino de geografia física

Os recursos didáticos diversificados são fundamentais para o ensino de Geografia. Sua utilização e produção são indissociáveis das concepções teórico-metodológicas do conhecimento geográfico assim como da metodologia do ensino de Geografia.

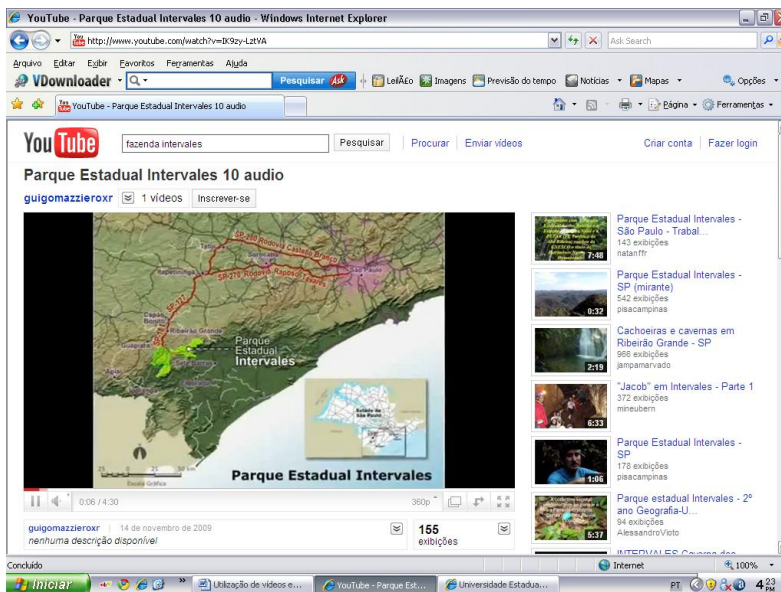
A fim de testar a importância dos vídeos enquanto um instrumento a mais no ensino de geografia, mormente da geografia física, foram elaborados vários vídeos com o objetivo de sensibilizar o público alvo (no caso estudantes universitários) sobre os recursos hídricos, geomorfologia carstica, educação ambiental.

O vídeo sobre o Parque Estadual Fazenda Intervalles pode ser visto em:



<http://www.youtube.com/watch?v=IOJd-ST-8cU&feature=fvst>

Outro vídeo pode ser visto em:



<http://www.youtube.com/watch?v=IK9zy-LztVA>

Outro vídeo realizado está o da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera-SP.



http://www.youtube.com/watch?v=xpo_IVliKO0&feature=related

Os vídeos foram elaborados com o programa movie maker do pacote do Office, sendo de fácil manuseio tanto por professores quanto por alunos.

Optou-se por mesclar imagens, música e poesia e após a elaboração do mesmo imaginou-se interessante divulgá-lo na internet como um apoio à professores das mais variadas séries, principalmente no tocante ao desenvolvimento de Educação Ambiental.

Vale lembrar que a base para os vídeos são sempre trabalhos de campo realizados com os discentes.

5-Conclusões

Desse modo podemos fazer com que os alunos tenham a capacidade de reconhecimento das diversas possibilidades por meio da leitura de um vídeo, seja ela falada ou observada e de emancipá-los com o conhecimento do seu mundo, por essa diversidade de leitura. Demonstrar, também, a possibilidade de agregar os recursos audiovisuais ao trabalho pedagógico cotidiano, para

preparar os alunos ao uso inteligente desses recursos, destacando a importância de trabalhar a relação escola/professores/alunos/vídeos numa perspectiva crítica, reflexiva e humanizadora, desde que se considerem as transformações no processo emancipatório e de criticidade dos alunos além de definir estratégias metodológicas coerentes com objetivos de aprendizagem direcionados ao desenvolvimento da cidadania consciente por meio dos professores.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, B. **Vídeo e televisão na sala de aula: limites e possibilidades para mobilizar a reflexão e promover a formação integral.** Araraquara, 2001.

Dissertação

(Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras,
Universidade

Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP.

ALMEIDA, M. E. B. de. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos.

In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância.

Integração das tecnologias na educação. Brasília: MEC/SEED, 2005.

_____. Prática e formação de professores na integração de mídias: prática pedagógica e formação de professores com projetos; articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Integração das tecnologias na educação.** Brasília: MEC/SEED, 2005.

BRUNNER, J. J. Educação no encontro com as tecnologias. In: TEDESCO, J.C. (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incertezas**. São Paulo: Cortez; Buenos Ayres: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación; Brasília: UNESCO, 2004. p. 17-75.

CAMPOS, M.R. Ator ou protagonista? Dilemas e responsabilidades sociais da profissão docente. **Revista PRELAC Educação para Todos**, n.1, p. 9, jun. 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**.. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTÍNEZ, J. H. G. Novas tecnologias e o desafio da educação. In: TEDESCO, J.C. (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incertezas**. São Paulo: Cortez; Buenos Ayres: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación; Brasília: UNESCO, 2004. p. 95-119.

MORAN. J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo: Ed. Moderna, p. 27 a 35, jan./abr. de 1995.

TEDESCO. J.C. Introdução. In: TEDESCO, J.C. (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incertezas**. São Paulo: Cortez; Buenos Ayres: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación; Brasília: UNESCO, 2004.